

OS CONTOS AFRO-BRASILEIROS DE DEOSCÓREDES MAXIMILIANO DOS SANTOS, O ALAPINI MESTRE DIDI: EDUCAÇÃO, ORALIDADE, TRADIÇÃO

Antonio Marcos dos Santos Cajé

Graduado em Licenciatura em Filosofia (UCSAL). Mestrando em Mestrado Profissional em História da África, da Diáspora e dos Povos Indígenas. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Bolsista da Fapesb (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia). Colaborador da SECNEB – Sociedade de Estudos da Cultura Negra no Brasil. Escritor de uma obra: *Afrocontos: Ler e ouvir para transformar*. E-mail: marcoscaje8@gmail.com



Antonio Liberac Cardoso Simões Pires

Doutor em História pela Universidade Estadual de Campinas (2001), com Mestrado em História pela Universidade Estadual de Campinas (1995) e Foi professor adjunto da Fundação Universidade Federal do Tocantins (1999 a 2006). Atualmente é professor adjunto de História da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Tem experiência na área de História, com ênfase em História do Brasil República, atuando principalmente nos seguintes temas: cultura negra, cultura popular, capoeira, campesinato negro e história social. Atualmente é professor permanente no Curso de Pós-graduação/ Mestrado em Ciências Sociais e no Mestrado Profissional em História da África, da Diáspora e dos Povos Indígenas, do Centro de Humanidades. Artes e Letras da UFRB.

**Afro-brasileira;
contos; história;
ancestralidade;
ensinamento.**

Resumo: Neste artigo utilizo a sabedoria ancestral dos contos populares afro-brasileiros para nos indicar uma cosmovisão da cultura afrodescendente, buscando relacionar a história e a literatura como dois elementos constitutivos, nos quais se integram conhecimentos científicos e conhecimentos orgânicos e, nesse sentido, poderá ocorrer o desenvolvimento de práticas resultantes da junção de dois polos de conhecimentos distintos a história e a literatura, onde contextos empíricos e conhecimentos sistematizados se fundiram no fazer epistemológico e se puseram em disponibilidade a serviço da cultura. O resultado que se espera revela-se na necessidade do resgate constitutivo dos contos na cultura de uma axiologia dos costumes, hábitos e tradição do povo negro. Portanto este trabalho busca fomentar as possibilidades existentes nos contos pelo prisma da história dentro dos caminhos da educação, possibilitando fortalecer a lei 10.639/03 e da lei 11.645/08.

Tales afro-brazilian Deoscóredes Maximilino dos Santos, the Alapini Master Didi: education, orality, tradition

**Afro-Brazilian;
Tales; history;
ancestry; teaching.**

Summary: In this article I use the ancient wisdom of the popular african-Brazilian tales to tell us a worldview of African descent culture, trying to relate the history and literature as two components, in which integrate scientific knowledge and organic knowledge and, in this sense, may occur development practices resulting from the joining of two poles of knowledge distinct history and literature, where empirical contexts and systematized knowledge merged in the epistemological do and put in availability in the service of culture. The result is expected, it is revealed in need of rescue constitutive of stories in the culture of an axiology of customs, habits and traditions of black people. Therefore this work seeks to promote the possibilities in stories through the prism of history within the education paths, making it possible to strengthen the Law 10.639 / 03 and Law 11,645 / 08.



Envio: 22/04/2016 ◆ Aceite: 14/07/2016

Introdução

Deoscóredes Maximiliano dos Santos, Mestre Didi, foi o *Alapini*, supremo sacerdote do culto aos ancestrais africanos e afro-brasileiros, ao longo de sua vida; aprofundou com dignidade e sabedoria a intrínseca relação entre a ancestralidade e a cultura, Mestre Didi é Omo bibi, “bem nascido”, após cinco gerações, continua a linhagem dos Axipá, uma das sete famílias fundadoras da cidade de Ketu na Nigéria, descendente de Rei e de grandes caçadores e desbravadores das nações de Oió e Ketu. Filho de Maria Bibiana do Espírito Santo, a Mãe senhorasubstituiu a sua antecessora Eugênia Anna dos Santos, Mãe Aninha – Iyá Obá n’ilê Opô Afonjá, Mestre Didi teve uma infância entre a Ilha de Itaparica e o pelourinho casa da “Avó” de consideração, a Aninha. Na sua adolescência um fato que marcou bastante as histórias de Mestre Didi é o surgimento do Pai Burokô, um toco que era utilizado para suas brincadeiras e protetor do grupo de amigos que deram o nome de Abê, em nome do toco eles saiam pedindo dinheiro para fazer festas. Vejamos o relato na íntegra:

Os cobres que conseguiram foram magros, e não deram para nada, nem mesmo para comprar um galo e uma galinha, indispensável à ‘cerimônia’. Assim sendo, resolveram o problema com uns grãos de milho, alguns alfinetes e um pedaço de cordão: pescaram o galo e a galinha do vizinho e imediatamente os sacrificaram ao velho pai Abê. Em seguida, fizeram um grande cozido, com muita animação, samba, danças etc. um grande esbregue de Mãe Aninha, que, sabedora do ocorrido, mandou chamar os garotos e fez-lhes ver que não estavam agindo direito ao se apossarem das galinhas dos outros para cozidos na roça. E ainda por cima usando o nome de um orixá tão sério como Abê (ou Ossãin), dono das ervas, em brincadeiras daquela ordem. Mandou que procurassem outro nome para substituir o de Abê. Um dos garotos perguntou:

— A gente pode usar o nome de Burukô?

Ao que a saudosa Mãe Aninha Respondeu:

— Podem, sim, não há nenhuma inconveniência.

(SANTOS, 1994, p.81).

O toco chamado Pai Burukô encontra-se no Ilê Axipá, próximo ao quarto de santo de Xangô, as Yabás, Oxalá. E assim foram a infância de Mestre Didi e sua adolescência entre os mais velhos, as obrigações com os Orixás e os ancestrais.

Os livros de contos de Mestre Didi possuem uma importância ideológica, histórica e literária, construindo em suas obras uma consciência de identidades diaspóricas entre África

e Brasil. Nessa perspectiva, utilizo a sabedoria ancestral dos contos populares afro-brasileiros para nos indicar uma cosmovisão da cultura afrodescendente, buscando relacionar a história e a literatura como dois elementos constitutivos, nos quais se integram conhecimentos científicos e conhecimentos orgânicos e, nesse sentido, poderá ocorrer o desenvolvimento de práticas resultantes da junção de dois polos de conhecimentos distintos, onde contextos empíricos e conhecimentos sistematizados se fundiram no fazer artístico e se puseram em disponibilidade a serviço da cultura. Sendo a ancestralidade perene, principalmente dentro da narrativa dos contos afro-brasileiros, e são através deles que podemos transcender ao imaginário e ao lúdico que criamos, os contos de Mestre Didi são constituídos de fontes epistemológicas que transitam do mítico para o sagrado e o profano, nutrido de um sincretismo que articula com a integração das tradições da cultura afro-brasileira, de maneira sublime.

Quais contribuições epistemológicas os contos afro-brasileiros de Mestre Didi transmitem à sociedade, através dos saberes da oralidade? E como tecer uma perspectiva da história com a literatura, podendo assim reconstruir com nosso passado e sistematizar com nossa atualidade, tornando os contos uma busca da narrativa crítica sobre o senso comum?

Justificativa

Além da Lei 10.639/03, a legislação ampara a educação para a diversidade étnico-racial, tanto na Lei nº 9.394/96 – LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (art. 26-A), como na Lei nº 11.645, DE 10/03/2008, que trata sobre a obrigatoriedade dos estudos sobre a temática indígena nas escolas. Ambas foram elaboradas para tentar amenizar nos processos de ensino-aprendizagem os preconceitos e ideias estereotipadas para com os indígenas e afrodescendentes. No caso da história, isso está relacionado ao ensino eurocêntrico, que não privilegia outras sociedades humanas. Com a implantação da Lei 10.639/03, as escolas terão de introduzir em seus currículos os conhecimentos, saberes, modos de vida e organização social dos povos afrodescendentes. Utilizar a leitura dos contos de Mestre Didi para ampliar o repertório curricular dentro do ensino, junto com literatura e história, possibilita aos alunos uma análise multirreferencial dos diferentes gêneros e textos

extraídos de diferentes contos, e valorizar as diferentes etnias que originaram a diversidade cultural que temos hoje no Brasil, tendo como foco a cultura africana e afro-brasileira nos contos de Mestre Didi.

Os contos como ensinamentos

Os contos são narrativas que nos fazem caminhar por diversos mundos do possível, sendo pouco utilizados como mecanismo de conhecimento e ensinamento. São um excelente sistema de explicação dos acontecimentos dos meios sociais e, no contexto da história dos animais, do sobrenatural, do mítico; traçando assim uma manifestação carregada de dramas e comédia. São instrumentos vivos das relações humanas. Existe uma particularidade nos contos afro-brasileiros, já que eles são repletos de saber e memória, sendo como um livro oral que os mais sábios ensinam, e é a forma mais significativa e livre de se transmitir valores éticos e estéticos, podendo assim chamado como conto didático:

Vale ressaltar o legado desse modelo de conto na sociedade que possui a preocupação de transmitir determinados valores e construir, através de conjuntura ideológica de sua época, a essência de preservação de sua memória histórica e das relações sociais entre os indivíduos. Outros fatores importantes do conto didático, enleados com as fábulas, são os eternos paradigmas do bem e do mal, assim como as ações positivas e negativas cometidas pelos homens e mulheres nas relações de poder, tanto sociais como nas relações interpessoais (fofocas, maledicências entre outros) - (CAJÉ, 2014, p.15).

As histórias transmitidas pelos contos são diversas e profundas, sendo bem estruturadas com uma moralidade bastante particular. São histórias que carregam uma narrativa própria da cultura de matriz africana, na qual os saberes se mesclam com o sagrado, a arte, os costumes e a tradição, fazendo parte do mesmo conhecimento. Na filosofia pré-socrática o filósofo Parmênides relatava a importância do uno, algo bem semelhante ao que ocorre dentro da cultura afro-brasileira, em que seus ancestrais, principalmente dos povos lorubá, valorizavam a importância do uno, isto é: onde o fim e o início não existem; onde a natureza e o homem são apenas uma manifestação em que a religião, arte e cultura são formadas da mesma raiz, onde não há separação. Haja vista que os contos e os mitos estão

presentes em todas as culturas humanas, sendo algumas mais exploradas do que outras, mesmo antes da filosofia tornar-se uma busca constante pelo saber. Os contos afro-brasileiros não morrem, simplesmente renascem na memória de cada sujeito. Educar os parâmetros da literatura dos contos de Mestre Didi perpassa por variados processos de transpor o monobloco de ouvir, copiar, e guardar o conhecimento, os contos. Educa-se através dos contos? Para respondermos a tal pergunta, tentarei mostrar o que é educação, como está posto no referencial de Paulo Freire, junto com alguns contos de Mestre Didi.

Saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção. Quando entro em sala de aula devo estar sendo um ser aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, as suas inibições, um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho — a de ensinar e não a de transferir conhecimento (FREIRE, 1996, p.47).

A citação acima evidencia que o movimento da educação deve estar centrado na construção do patrimônio do ser como autor de si mesmo e ator das descobertas de sua consciência como ser incompleto, pois a educação busca no próprio indivíduo seus personagens inacabados. Freire (1996) diz que “aprender para nós é *construir*, reconstruir, *constatar para mudar*, o que não se faz sem abertura ao risco e à aventura do espírito”. A educação torna o sujeito objeto da sua própria educação, o ato de educar é uma simbiose constante do educador e do educando. Nessa perspectiva, o ato de formar o sujeito se dá em dois planos distintos e complementares: o invisível e o visível; sendo um de fora para dentro e o outro, de dentro para fora. E mais: o ato de educar compreende os processos orgânicos que potencializam os saberes intelectuais, éticos e morais que fundamentam a formação para um indivíduo livre, que direciona seus conhecimentos empíricos e científicos. Paulo Freire explica claramente, em concepção bancária, que em tempos hodiernos essas políticas educacionais se aprofundam em paradigmas errôneos sobre o homem e a mulher como meros copiadores e não como sujeitos atores e autores da sua própria educação:

O educador é o que educa; os educandos, os que são educados; o educador é o que sabe; os educandos, os que não sabem; o educador é o que pensa; os educandos, os pensados; o educador é o que diz a palavra; os educandos, os que a escutam docilmente; o educador é o que disciplina; os educandos, os disciplinados; o educador é o que opta e prescreve sua opção; os

educandos, os que seguem a prescrição; o educador é o que atua; os educandos, os que têm a ilusão de que atuam, na atuação do professor; o educador escolhe o conteúdo programático; os educandos, jamais ouvidos nesta escolha, se acomodam a ele; o educador identifica a autoridade do saber com sua autoridade funcional, que opõe antagonicamente à liberdade dos educandos; estes devem adaptar-se às determinações daquele; o educador, finalmente, é o sujeito do processo; os educandos, meros objetos (FREIRE, *op. cit.*, p. 59).

Diante da *concepção bancária*, os alunos são meros depósitos de conhecimento, totalmente passivos, sem interagir com os outros e o meio para construir seu aprendizado; e os professores comportam-se como os senhores do saber, sendo construtores de toda aprendizagem. Não obstante, sabemos que esse modelo educacional é gasto e arcaico. É nesse sentido que a educação é construída na premissa da multirreferencialidade. Teresinha Burnham (1998) diz que a perspectiva da multirreferencialidade é uma das grandes contribuições que se pode trazer à escola, já que oferece abertura para se trabalhar com linguagens, os valores, as crenças, enfim, uma multiplicidade de expressões das diversidades culturais que se encontram na escola. Nessa perspectiva, os contos afro-brasileiros de Mestre Didi aparecem como uma educação híbrida, ou seja: literatura e história interpenetram-se, desempenhando papel importante para a humanidade. O conto traz uma ressignificação da construção dos saberes orgânicos populares e da historicidade. Um exemplo de um conto didático de Mestre Didi, como instrumento para compreender a história seria esse:

O senhor e o escravo

Uma vez, dois homens viajavam em caminhos diferentes um do outro. Um dia se encontraram, e o primeiro disse se chamar *Ninguém Próspera na minha Proximidade*, e o outro *Quem Tem Que Prosperar Na Vida, Próspera*, o primeiro era senhorio, e o segundo escravo. Assim, lá se foram os dois para a fazenda, até que um dia o escravo conseguiu juntar um dinheiro e comprou uma galinha que mais tarde deu muitos pintos. Vendo o senhorio que daquela o seu servo teria algumas vantagens mais do que ele, um dia, inesperadamente, matou a galinha e todos os seus pintos. Quando o escravo voltou da roça onde ia trabalhar todos os dias e viu a galinha com os pintos mortos, não se desesperou, limitou-se em louvar a Deus. Conformado com sua sorte momentânea apanhou-os e colocou-os para secar. Em seguida, guardou os ossos no telhado da casa onde morava. Passados dias, comprou uma ovelha; mais tarde, o animal lhe deu muitos filhos. Num dado dia, o senhor de novo matou a ovelha, inclusive os filhos. Vindo o escravo da roça do seu senhor, deparou-se com aquele ato de perversidade. Sem mais nem menos, disse:

— De qualquer forma, abaixo de Deus, tenho que prosperar, aconteça o que acontecer.

O senhorio, ouvindo, deu uma grande gargalhada, achando graça no ditado do seu servo. O escravo, resistindo com inabalável fé, apanhou as ovelhas, botou-as para secar e guardou os ossos junto com a galinha e os pintos no telhado da casa. Confiando no seu destino e muito satisfeito, conseguiu mais uma vez juntar em mão do seu senhor uma certa quantia. De súbito, como quase todos os anos acontecia, apareceu em uma das praças mais movimentadas da cidade um pessoal oferecendo a ossada de um príncipe que tinha morrido na guerra e que tinham por dever de levar seus despojos ao rei. Como sentiam a falta de recursos para a viagem, resolveram vender os ossos para dividir entre eles o produto. Assim executaram o plano acertado, porém como de costume se dava, o senhor dos escravos, sabendo do ocorrido, apressou-se em usar o dinheiro do escravo, fazendo a compra dos restos mortais de uma pessoa estranha. Quando o escravo chegou da roça, o seu senhor pessoalmente lhe fez ciente de que tinha aproveitado o seu dinheiro para lhe comprar uns ossos de defunto, cujo defunto era príncipe. O pobre escravo ficou de tal forma que chegou a perder os sentidos. Voltando a si replicou-lhe:

— Deus é grande, quem tem que prosperar, prospera vencendo todos os sacrifícios e obstáculos da vida — guardando os ossos do defunto juntamente com os da galinha e da ovelha no telhado da casa. Passando muito tempo, um dia o rei mandou anunciar que se alguém tivesse galinhas e pintos secos, já com uns dois para três anos de mortos, levassem à sua presença que era para um ebó, a fim de secar a epidemia que alastrava naquela época. Ele o escravo apressou-se em apresentar a galinha e os pintos. Este gesto de humanidade dele pela salvação pública foi de tão grande benefício, que o rei lhe determinou dividir um terço do seu território, para ele receber os impostos tributários ficando assim de uma noite para o dia, já quase senhor daquela terra, e o seu antigo senhor, como um atento e humilde servidor. Tempos depois, houve novo anúncio; desta vez foi para quem tivesse ovelha seca apresentá-la a um rei de nação vizinha. O escravo quando soube, ofereceu as ovelhas. Vendo o rei aquela benevolência caritativa, a fim de servir o público nas grandes enfermidades que atormentavam o povo fez vir à sua presença o felizardo cativo de outras épocas e lhe declarou que daquela hora em diante ele era o dono de um terço daquele reino. Passados os tempos apareceu um novo aviso, comunicando que quem tivesse a ossada de um príncipe que tinha sido morto na guerra há muitos anos se apresentasse ao rei de outra terra vizinha. Assim que foi o grande e vitorioso servo perseguido de outros tempos, avisado sem demora, fez-se chegar ao rei daquela nação acompanhado da ossada, em recompensa da qual o rei lhe deu um grande donativo e lhe conferiu o maior título já alcançado por qualquer pessoa daquela terra. Tornou-se assim o escravo o homem mais feliz do mundo sem desejar nenhum mal ao seu antigo senhor uma vez que ele, com seu espírito de perversidade, contribuiu em parte para sua riqueza e felicidade.

(SANTOS, 2003, p. 35)

Segundo Freire, “O sujeito que se abre ao mundo e aos outros inaugura com seu gesto a relação dialógica em que se confirma como inquietação e curiosidade, como inconclusão em permanente movimento na história” (FREIRE, 1996, p. 136). Existe uma importância narrada pelo conto afro-brasileiro que é retratar o dia a dia do homem e da mulher; e inserir nos contos enredos de ensinamentos através de um dinamismo no qual se transmite valores que reconstróem e moralizam os passos dos sujeitos na vida cotidiana e no convívio com a natureza. Outra grande questão, é que nos contos afro-brasileiros, de maneira geral, e do Mestre Didi, especificamente, essa natureza guarda em seu imaginário fantástico premissas do possível, humanizando e ensinando seus saberes orgânicos com referências dos ensinamentos africanos, tendo como base a ocupação cognitiva e epistêmica da tradição oral que é conduzida na sua totalidade.

Essa oralidade é um processo dinâmico que os contos transmitem, sendo uma fonte inesgotável a ser trabalhada dentro da sala de aula, possibilitando abarcar a cultura africana e considerando suas influências como formadora da cultura afro-brasileira. Na sociedade africana, a tradição de transmitir valores e costumes pela oralidade mostra que as histórias pelos contos são um mecanismo de aprendizagem e que cada pessoa recodifica e constrói suas raízes, seja pelos assuntos políticos, seja pelas fábulas, ética e moral, religiosidade; esses conhecimentos carregam consigo a força da ancestralidade. A história e a literatura favorecem o fortalecimento e o compromisso de informar às gerações mais jovens valores adormecidos, como dar a devida importância à diversidade cultural, construindo paradigmas que alicersem a nossa cultura.

Os ensinamentos dos contos remetem, dessa forma, a algo contínuo, em constante movimento. Sendo assim, podemos aprender com o saber transmitido pelos contos afro-brasileiros, consignando os saberes ancestrais com o conhecimento contemporâneo, o que torna possível nos libertar do véu da ignorância, pois nos contos aprendemos a caminhar dentro do lúdico e nas dimensões imagéticas. É importante salientar que os povos afrodescendentes são muito mais que referência da passagem da escravidão e da luta pela liberdade; são povos que construíram o Brasil com uma cultura fantástica desde a comida, passando pela linguagem e, por fim, perpassando os caminhos da ética e da estética. Desse

modo, pode-se afirmar que os afrodescendentes são uma composição que se movimenta a todo instante.

Por meio dos contos de Mestre Didi, pode-se conhecer a cultura e fundamentá-la como um saber epistêmico e epistemologia. Saber esse que chega pela tradição oral, com influências africanas e se molda às nossas raízes afro-brasileiras. Os contos de Mestre Didi representam a memória andante de um povo através do qual a ancestralidade se funda e se mescla com o dia a dia dos sujeitos. Os contos do sábio Mestre Didi são acessíveis a qualquer faixa etária ou classe social, pois esses contos orais ou escritos carregam consigo a tradição pura marcada de encantamento e do sagrado, em que é possível olharmos a primazia da cultura do povo afrodescendente, sendo assim uma sobrevivência histórica, mediante a narrativa dos contos afro-brasileiros. Ao evidenciar os contos como ensinamentos educacionais, percebemos tais contos como mecanismos de aprendizagem e como uma forma metodológica de alcançar a história em seu contexto historiográfico, independentemente de serem contos orais ou escritos; antigos ou modernos; e também independe do fato de estarem ligados a fatos reais ou fictícios. Dessa forma, eles tornam-se um componente textual valioso para a educação.

Os ensinamentos encontrados na literatura dos contos de Mestre Didi possuem histórias da cultura africana e da Bahia, tendo sido registrados como acervo da memória da tradição oral, baseados na oralidade e transcritos em seus livros: *Conto negros da Bahia*; *Contos de Nagô*; *Contos Crioulos*; *Por que Oxalá usa Ekodidé*; e *História de um terreiro Nagô*. Mestre Didi desenvolve também em um projeto educacional, uma cartilha com fundamentos da cultura da tradição iorubana – este projeto junto com a SECNEB – Sociedade de Estudos da Cultura Negra no Brasil, de 1974; cria, além disso, a Minicomunidade infanto-juvenil *Oba Biyi*, com perspectivas educacionais que abordam as histórias dos contos e a oralidade como pilares na formação e no currículo dos jovens da comunidade das redondezas do Nordeste de Amaralina/Pituba (bairros que ficam na orla de Salvador/BA).

O cachorro e a boa menina

Existiu em uma cidade da África, da nação *Grúncis*, uma senhora que tinha duas filhas. Uma delas, a caçula, criava um cachorro grande e bonito por nome Kubá. Ela tinha muito cuidado com o cachorro a ponto de só fazer as refeições junto com ele sentado na mesa, como se fosse uma pessoa. A mãe dela não se incomodava, pois gostava também do cachorro, porém a irmã mais velha odiava e maltratava o pobre bichinho. Aconteceu que elas tinham

uma tia que morava um pouco distante dali. A menina dona do cachorro, um dia de sábado, lembrou-se da tia e disse à mãe dela:

— Mamãe, amanhã vou passar o dia com minha tia.

— Sozinha? — perguntou a mãe, e disse:

— Lembre-se que neste caminho sempre acontece desaparecer pessoas.

— Eu vou com Deus e Kubá — disse a menina.

No outro dia pela manhã bem cedo, a menina se preparou, tomou a benção à sua mãe e foi para a casa da tia. Passou todo o dia lá; na hora do almoço, a tia chamou ela para almoçar e perguntou onde botava o almoço do cachorro. Ela disse para a tia que o cachorro costumava sempre comer junto com ela na mesa e assim foi feito. Depois saíram e foram para o terreiro brincar. De tardezinha, a menina se despediu da tia e voltou para a casa da mãe. Quando ia passando por um lugar onde o caminho era muito esquisito por só se ver mato e já estar escurecendo, apareceu um bicho enorme e perguntou a ela:

— De onde vens e para onde vais?

— Vim da casa de minha tia e vou para casa de minha mãe.

— Com quem tu vais?

— Chame a gente que eu quero ver.

Ela, com muito medo, olhou para um lado e para o outro e, não vendo o cachorro, cantou: — Kubá Kubá Kubá Bá Durubi, Kubá Kubá Dan Durubi Nanã Tapemá Durubi (Encontrei a morte, corre, estou aqui, o bicho quer me matar.) O cachorro, quando ouviu o cântico da menina, veio feito uma fera em cima do bicho, que fugiu apavorado, deixando o caminho livre para eles passarem. Em casa, a velha já preocupada devido às horas, estava se arrumando para ir procurá-la; foi quando a menina chegou sã e salva pelo seu amigo Kubá, contando tudo o que tinha acontecido. A irmã mais velha que era muito orgulhosa, não querendo ficar inferior à outra, disse que também ia visitar a tia. A mãe dela apresentou um bocado de motivos para ela desistir, porém foi inútil. No outro dia ela se preparou, chamou o cachorro e foi para casa da tia. Chegou cedo, brincou bastante e na hora de almoçar a tia chamou ela, botou o almoço e perguntou onde botava o do cachorro.

— No chão — disse ela — em qualquer lugar ele come.

A tia botou a comida em baixo da mesa, no chão; o cachorro não tocou na comida e saiu para rua, deixando ela almoçar à vontade. De tardinha ela despediu da tia e voltou para casa; quando ia chegando na entrada do caminho esquisito, lembrou-se do cachorro; foi justamente a hora em que o bicho apareceu e foi fazendo as mesmas perguntas que tinha feito à sua irmã.

Por fim o bicho disse:

— Chame a gente que eu quero ver.

Ela se cansou de cantar chamando o cachorro:

— Kubá Kubá Kubá...

O bicho não vendo ninguém engoliu ela. Nisto Kubá chegou em casa sozinho. A mãe dela, juntamente com a outra garota e os vizinhos saíram para procurar a menina. Quando chegaram no lugar em que o bicho tinha engolido a menina, a irmã foi logo reconhecendo o lugar, dizendo para o pessoal:

— Foi aqui que encontrei o bicho.

Começaram a procurar e foi quando encontraram a cestinha que ela carregava, um pé de sapato, pedaços de pano do vestido e mais para dentro

do mato viram o enorme bicho que dormia a sono solto. Mataram o bicho e depois, procurando saber por qual motivo uma das meninas tinha sido salva e a outra devorada pelo bicho, a tia das meninas disse o seguinte:
— Fazer o bem, não se olhar a quem. Fazendo a quem se lhe faz não é pecado e só tem o que se merece.
(SANTOS, 2003, p.39.).

Na construção do conhecimento da educação, na composição dos contos de Mestre Didi, a literatura oral e a escrita assumem com singularidade a formação do sujeito, pois os contos não somente assumem o fictício, as fábulas, como também são construídos pelos fatos do cotidiano, das histórias reais, da geografia local, como assevera Ginzburg, na citação abaixo, na qual podemos associar que a literatura é fundamentadora do processo histórico: Até há pouco tempo a grande maioria dos historiadores via uma nítida incompatibilidade entre acentuação do carácter científico da historiografia (tendencialmente assimilada às ciências sociais) e reconhecimento da sua dimensão literária. Hoje, no entanto, este reconhecimento torna-se cada vez mais extensivo também a obras de antropologia ou sociologia sem que isso implique necessariamente um juízo negativo da parte de quem formula. Aquilo que em geral é sublinhado, porém, não é o núcleo cognitivo que se pode encontrar nas narrações de ficção (por exemplo, as romanescas), mas sim o núcleo fabulatório que se pode encontrar nas narrações que se pretendem científicas — a começar pelas historiográficas (GINZBURG, 1989, p.194).

Assim sendo, salientamos que os contos de Mestre Didi educam na perspectiva antropológica e sociológica, pois logo após uma longa viagem pela África, na Nigéria, ele lança seu livro *Contos de Nagô*, e na elaboração historiográfica podemos observar que em seus contos a história local é bastante presente e a diáspora que encontramos com visibilidade consiste na herança africana para a formação do povo brasileiro.

Freire (1996) afirma que “não é possível pensar os seres humanos longe da ética, quanto mais fora dela”; nesse sentido, falar de ensino pelos contos de Mestre Didi é falar de valores éticos, pois sendo o homem um ser que está em constantes transformações e inquietações, cabe à ética conduzir os homens nos caminhos conturbados da modernidade, orientando a passagem da moral para a ética, fazendo o sujeito refletir sobre seus hábitos e costumes, fundamentando junto à razão (raciocínio) um compromisso com seu “eu”. Nesse caso, os contos possibilitam uma reflexão de criticidade acerca das tradições africanas e afro-

brasileiras, sejam eles fabulados ou baseados em fatos reais. Na filosofia africana, a própria história, a arte, a música, a tradição e a religião estão presentes e entrelaçadas. Não se separam, existindo assim uma diversidade ampla e rica, oportunizando, dessa forma, uma forma peculiar de investigação epistemológica e agregando-se com o saber epistemológico, esta interação com a cultura de matriz africana nos remete a novas vertentes do homem dentro da sociedade. A ética pulsante na cultura afro-brasileira narrada, nos livros de contos de Mestre Didi, que está em movimento constante, pode ser encontrada nos terreiros, onde seus ensinamentos fazem um resgate do respeito e da hierarquia, ultrapassando o campo religioso e seguindo para o convívio das relações interpessoais, chegando ao diálogo da vida, das ações do homem em meio à natureza. Encontramos nos contos afro-brasileiros, de maneira geral e, especificamente no Mestre Didi, um entendimento bastante valioso da ação humana, pois esta é sempre fruto de uma escolha entre o correto e o incorreto; entre o que é bom e o que é ruim; isto é, o saber descoberto de maneira mais pura do íntimo humano, aprendendo a levar para a sua vida social e espiritual. Ao criticizar-se, os contos de Mestre Didi, mediante os saberes que se estendem às fronteiras do conhecimento do senso comum, chegando a uma argumentação do mundo da ética, encontramos nos contos personagens variados e de características bastante reais que se transformam em histórias fictícias, possuindo assim uma linha tênue entre o real e o irreal.

Haja vista que os contos afro-brasileiros não só representam a ludicidade, uma vez que eles são muito mais que isso, consistindo em uma forma de alcançar uma contingência e abundância de cultura. Desse modo, é de inteira relevância a divulgação de tais contos, pois, ao analisar as produções de Mestre Didi, desenvolvemos a consciência crítica, problematizando toda a estrutura narrativa e epistemológica, utilizando da própria vivência do povo como verdades que vão além da subjetividade do homem, tornando a ética e suas variantes posteriores à vida e às relações humanas. Assim, passamos a construir ensinamentos que tornam possível a conservação da memória de um povo. Ademais, a ética nos contos afro-brasileiros nos faz perceber o valor de cada história que nos é contada, não importando se é contemporânea ou ancestral. A visão que os contos de Mestre Didi e outros contos afro-brasileiros nos oferecem tornar possível invocar e estimular a aprendizagem, dando oportunidade aos discentes de exercitar a sua veia criativa, de modo que construam novas

vertentes culturais, ao mesmo tempo em que valorizam as tradições e costumes que formam a cultura afro-brasileira, desde os símbolos e signos sagrados à convivência do dia a dia. Os contos de Mestre Didi contribuem consideravelmente para o ensino, já que são comunicados peculiares que transmitem às novas gerações acontecimentos históricos e fabulações fantásticas de um povo; e como mecanismo educacional são acervos memoriais que passam pelo tempo e passam por nós.

Referências

BARBOSA, Joaquim (org.). *Reflexões em torno da abordagem multirreferencial*. São Paulo, editora da UFScar, 1998.

BRASIL. Senado Federal. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: nº 9394/96*. Brasília: 1996.

CAJÉ, Marcos. *Afrocontos: Ler e ouvir para transformar*. Salvador: Quarteto editora, 2014.

DARNTON, Robert. *O grande massacre de gatos: e outros episódios da história cultural francesa*. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

DUARTE, Eduardo de Assis. (Org.) *Afrodascendência no Brasil: antologia crítica*. Belo Horizonte: UFMG, 4 v. 2011.

DIDI, Mestre. *Contos crioulos da Bahia: Creole Tales of Bahia: ÁkójopòtànÁtenudénuíran Omo Odùduwàniillè Bahia (Brasî)*. Salvador: Núcleo Cultural Níger Okàn, 2004.

_____. *Contos negros da Bahia e contos de Nagô*. Salvador: Corrupio, 2003.

_____. *Autos Coreográficos Mestre Didi, 90 anos*. (Org.) Juana Elbein dos Santos. Salvador: Corrupio, 2007.

_____. *História de um terreiro Nagô*. São Paulo: Carthago & Forte, 1994.

_____. *História da Criação do Mundo*. Olinda Ilustração Adão Pinheiro, 1988.

_____. *Yorubá tal Qual se Fala*. Tipografia Moderna, Bahia, 1950.

_____. *Porque Oxalá usa Ekodidé*. Salvador: Ed. Cavaleiro da Lua, 1966.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

_____. *Pedagogia da Autonomia*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: Morfologia e História*. Trad. Federico Caroti. SP: Companhia das Letras, 1989.

_____. *A micro-história e outros ensaios*. DIFEL/ BERTRAND, 1989.

LUZ, Marco Aurélio. *Cultura negra em tempos pós-modernos*. Salvador: EDUFBA, 2006.

PRANDI, Reginaldo. *Contos e lendas afro-brasileiros: a criação do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SANTOS, Elbein J. dos. *Os Nagôs e a Morte*. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

